



A NATUREZA E O HOMEM – CATEGORIAS A CONSIDERAR NO PENSAMENTO DE FEUERBACH

*Profa. Dra. Ir. Maria Celeste de Sousa**

*Prof. Esp. João Robson Cabral***

Resumo

O pensamento de Feuerbach, no que diz respeito a religião cristã, é expresso desvinculado da divindade. O Filósofo desenvolve na obra *A Essência do Cristianismo* uma crítica à teologia e uma discussão filosófica, antropológica e genético-fisiológica acerca das religiões, de maneira geral, porém mais direcionada ao Cristianismo, religião-berço do autor e seu objeto de investigação. Feuerbach é defensor de uma natureza autônoma, sem um Criador, tudo o que o homem religioso conhece sobre Deus passa pela cultura da humanidade, ou seja, é elaboração do espírito humano atribuído à divindade. O que se manifesta ao homem não é Deus, mas a consciência de si do homem dotado de capacidades racional e afetiva. A vinculação à divindade surge apenas como fantasia e autoprojeção do homem.

Palavras-chave

Deus. Religião. Natureza. Antropologia. Homem.

Abstract

Feuerbach's line of thought regarding Christianity is presented dissociated from divinity. The philosopher develops from the work *The Essence of Christianity* a criticism towards theology and a philosophical, anthropological and genetic-physiological discussion regarding religions, overall, but more directed to Christianity, the author's birth religion and his object of investigation. Feuerbach is a defender of the autonomous nature, without a Creator, everything known by a religious man about God runs through human culture, namely, it is elaboration of the human spirit attributed to divinity. Whatever it is manifested to man is not God, but the man's self-consciousness endowed with rational and emotional capabilities. The link to divinity emerges only as fantasy and man's self-projection.

Keywords

God. Religion. Nature. Anthropology. Man.

Introdução

Levando em consideração o fato de que as grandes religiões mono-teístas (Islamismo, Judaísmo e Cristianismo) estão em pauta nas discussões e o crescente aumento de seus sectários, como é o caso do Islamismo, apesar de suas atitudes intolerantes e violentas como têm noticiado os meios de comunicação, vamos nos deter a especular sobre o Cristianismo e sua essência na visão de Feuerbach. De acordo com seu pensamento, o homem, antes de tudo, é religioso, pois a religião chega em sua consciência antes que a explicação lógica ou racional das coisas existentes no mundo o alcance.

Portanto, nesta pesquisa, que pretende ser imparcial, ética, queremos, à luz do pensamento de Feuerbach, apontar caminhos de reflexão para uma valorização da criatura em relação ao Criador, atualizando o pensamento do autor. O que se percebe em sua crítica é uma supervalorização do Criador em prejuízo da criatura, ou seja, as religiões enaltecem com pujança a divindade, abandonando, esvaziando e negando o ser humano na sua totalidade.

Fazendo uma crítica à religião, o autor aponta diversos caminhos para reflexão ante as posições antagônicas e incoerentes numa experiência que se pretende boa, positiva, mas que, na sua maneira de ver, se manifesta contraditória, pois, como exprimimos, pedestaliza Deus e rebaixa o ser humano, sobretudo quando tenta legitimar o sofrimento como necessidade de passagem - assim se apresenta o Cristianismo. A religião prega um mundo marcado pela dor, o pecado, o sofrimento e uma remissão futurista que não será concretizada na terra, mas num plano extramundano. Mais danoso do que abandonar a divindade é negar a humanidade, criada por Deus, e mais estranho que o ateísmo - negação da existência de Deus - talvez seja a desnaturalização do ser humano, recorrente preocupação de Feuerbach.

Sua crítica à religião cristã, mediante o termo *alienação* se dá desde o modo como a religião trata o homem ao usurpar seus valores. Nesta teoria, o homem cria os deuses e inverte a relação; os deuses passam a ser sujeito e o homem obedece aos deuses como objeto. Ao afirmar tal pensamento, Feuerbach foi rechaçado pela comunidade acadêmica e caiu no esquecimento literário durante longos anos, sendo resgatado mais tarde por Karl Marx, que se apropriou do termo (alienação) para fazer uma crítica à relação homem e trabalho. Embora conhecido como ateu, aqui queremos ilustrar o pensamento de Feuerbach de modo mais unilateral, na perspectiva de reivindicá-lo como defensor do humanismo, em seu contexto alemão, ressaltando as categorias de homem e natureza.

Teoria da autoprojeção

Na obra *A Essência do Cristianismo - 1841 (Das Wesendes Christentums)*, o filósofo afirma uma antropoteística, isto é, filosofia sobre as concepções teológicas as quais são, na verdade, pensamentos humanos, contudo, atribuídos à divindade cristã. Há, na doutrina cristã, uma mistura de Antropologia com Teologia, duas ciências que homogênea e simultaneamente descrevem o homem. Neste sentido, Feuerbach demonstra uma real preocupação com o homem como gênero e pessoa, sobretudo porque a religião o menospreza e o desnaturaliza ao transportar todas as características (qualidades, valores e sentimentos humanos) para Deus. Feuerbach, assim como Freud (“O futuro de uma ilusão” - 1927), enxerga a religião como resultado das carências humanas, a vê como uma negação daquilo que de fato é o homem. O Filósofo postula uma inversão de valores: se na Teologia da Criação, Deus fez o homem a sua imagem e semelhança (Gn 1,26), no seu modo de pensar, o homem cria Deus e transporta para o extramundo os valores e características essenciais do seu gênero. Logo, a religião representa a fase ingênua da humanidade a ser descoberta no futuro:

[...] um dia o homem descobrirá que ele adorou a sua própria essência, que criou em sua fantasia um ser semelhante a si, mas infinitamente mais perfeito, que está sempre pronto para lhe oferecer consolo no sofrimento e proteção nos momentos mais difíceis e angustiantes da existência.¹

O que para Feuerbach é uma ilusão da parte religiosa, é sinônimo de amparo para os homens que mergulhados no sofrimento, nas dores e angústias transportam para o além a esperança de um novo horizonte, uma paz e um bem-estar considerados inalcançáveis na terra. Para tanto a crítica de Feuerbach é mantida com base nesta transposição do bem-estar da humanidade para um mundo criado pela imaginação. Ele responsabiliza a religião (especificamente, a cristã) por ser a forjadora deste modo alienante de pensar e agir do homem.

Embora sofrendo as consequências, como a censura e o desprezo da comunidade acadêmica, por criticar o Cristianismo, Feuerbach, com sua filosofia, interpretada como ateia, não se limitou a especular sobre a inexistência de Deus, pois, conforme lembra Sponville², tal propósito se torna

¹FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013, p. 09.

² Sponville, filósofo contemporâneo, francês. Em sua obra mais conhecida, *O Espírito do Ateísmo*, postula a dificuldade de provar e ao mesmo tempo negar a existência de Deus. Conforme foi dito, Feuerbach não tem a menor pretensão de discorrer acerca deste assunto, este não é seu problema, apenas se apresenta como hermeneuta da religião cristã; entretanto,

impossível. Pelo contrário, a contribuição do Filósofo está para o viés homem consigo mesmo e como gênero. O homem conversa consigo mesmo e com o outro, isto é, ele é capaz de um diálogo no seu interior que une o eu e o tu; interage estando sozinho ou na coletividade, algo que não ocorre com os animais:

O homem pensa, i.e. ele conversa consigo mesmo. O animal não pode exercer nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele; mas o homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar (porque pensar e falar são legítimas funções de gênero) sem necessidade de um outro. O homem é para si ao mesmo tempo *eu* e *tu*; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto.³

Sua filosofia, neste contexto, é semelhante a de Aristóteles (384-322 a. C). Ao mencionar que os animais não têm religião, mas somente o ser humano, Feuerbach faz um trocadilho ao afirmar que a diferença básica entre o homem e o animal é a religião, ou seja, a diferença, no fim das contas, é a capacidade de pensar⁴e de dialogar consigo mesmo. O que seria uma comunicação com o além, com Deus, torna-se um diálogo consigo mesmo. A religião é o modo de pensar do gênero humano, pois ao se relacionar com Deus, na realidade está se relacionando com sua própria consciência.

O pensamento de Feuerbach explicita, pois, um antropomorfismo e um antropocentrismo, que resgata o homem marginalizado para o centro das discussões acerca da realidade. O ponto de partida para pensar a religião é o gênero humano e sua essência, ou seja, sua racionalidade, vontade e sensibilidade, o que o autor chama de trindade perfeita e essência do homem ou essência universal.

O homem no contexto religioso está incompleto e condicionado a buscar esta completude fora de si, a exteriorizar seus valores e virtudes, ou

para Sponville, a dificuldade em provar a existência ou inexistência de Deus reside no campo da singularidade: "Sobre os deuses não posso dizer nada nem se existem, nem se não existem, nem o que são. Muitas coisas impedem de sabê-lo: primeiro a obscuridade da questão, depois a brevidade da vida humana". Cf.: COMTE-SPONVILLE, André. *O Espírito do Ateísmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 75.

³ FEUERBACH, A essência do Cristianismo, p. 35-36.

⁴ "[...] mas estamos, agora buscando o que é peculiar ao homem. Excluamos, portanto, a vida de nutrição e crescimento. A seguir, há uma vida de percepção, mas essa também parece ser comum ao cavalo, ao boi e a todos os animais. Resta, pois, a vida ativa do elemento que tem um princípio racional;" Cf.: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 56.

seja, lançá-los para fora e vinculá-los à divindade postulada e controlada pela religião cristã. Tal atitude não é saudável ao homem, à medida que a sua essência é atribuída a Deus. Assim sendo, o pensamento de Feuerbach propõe uma retomada de valorização do homem, salvaguardando um humanismo em oposição a um teísmo ilusório, pois há uma evidente anulação, um sequestro da essencialidade do indivíduo que exterioriza o que supostamente pertence a Deus, todavia, é a essência mesma do homem sendo manifestada por ele mesmo, mas usurpada pela religião.

Neste aspecto, o pensamento de Feuerbach, mais uma vez, tem confluência com o de Sponville; para este, a divindade pode ser postulada pela religião, porém não pode ser demonstrada como é possível demonstrar o homem com suas características, embora pejorativas, da parte da religião. Diz Feuerbach:

A religião nega [...] o bem como uma qualidade da essência humana: o homem é perverso, corrompido, incapaz do bem, mas em compensação somente Deus é bom, o bom ser.⁵

Logo, quando o homem vincula a sua essência a Deus, torna-se tolhido, anulado, descaracterizado, desumanizado. Ao enxergar em Deus o infinito, a bondade, a certeza, a realidade, está, no fim das contas, negando sua essência, aquilo que de fato ele é, seus valores e características substanciais ou se afirmando de modo equivocado, pois, ao citar as qualidades, consideradas divinas, o homem ao mesmo tempo demonstra quem ele é – evidencia sua essência. Com efeito, a religião termina sendo o espelho do homem, ou seja, o ele está diante dele mesmo, contudo, deposita em Deus o reflexo de sua imagem. Se Deus é o espelho do próprio homem, então a religião mostra ao homem (sem a devida pretensão) quem verdadeiramente ele é, revela, pois, a sua essência ao mundo, pois o homem religioso é incapaz de perceber tal reflexo.

Anular, porém, todas as qualidades é negar a si mesmo. Significa, noutras palavras, empobrecer para enriquecer a outra parte: Deus rico e o homem sempre pobre. Logo, a relação homem e religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem com consigo mesmo. Feuerbach ilustra isto ao afirmar que “Deus é o espelho do homem”. Nele o homem se vê, no espelho refletida por inteiro a sua imagem e semelhança, imagem externa, mas também a sua essência universal: pensamento, vontade e sensibilidade.

Anular todas as qualidades é o mesmo que anular a própria essência. Um ser sem qualidades é um ser sem objetividade é um ser nulo. Por isso

⁵ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 59.

quando o homem retira de Deus todas as qualidades é este Deus para ele apenas um sujeito negativo, nulo. Para o homem realmente religioso não é Deus um ser sem atributos, porque é para ele um ser certo, real.⁶

A posição de Feuerbach é muito mais do que uma crítica à religião cristã. É, pois, um raciocínio a partir de uma experiência singular. Feuerbach retirou todas as qualidades que o cristão percebe em Deus. Desta maneira, o Filósofo não consegue, desde então, enxergar Deus como na visão do religioso, pois Deus foi esvaziado de seus atributos. Agindo assim, de fato, o homem se volta para ele mesmo, como fizera nosso autor. Ele parte da hipótese de o homem, ao lidar com a religião, retirar os atributos divinos, o que é impossível para um religioso. Se assim fosse, Deus não seria cheio de significados e de sentido para o homem religioso. Por isso, o descrente, que não atribui valor algum à divindade, não a reconhece e, conseqüentemente, não encontra sentido, por isso vê a religião como experiência ilusória, como é o caso de Feuerbach.

Sponville, tão descrente quanto Feuerbach, e oriundo da mesma religião, afirma que a fé é do campo do singular, não pode ser demonstrada, mas apenas postulada e jamais explicitada pela razão. Feuerbach explora, contudo, a religião, capturando o que há de valioso nela - a natureza humana. Este é o pressuposto fundamental para se entender o homem na sua individualidade e como gênero e natureza. Se, por um lado, a religião nega, ofusca, transmuda, usurpa a essência do homem para o mundo sobrenatural, Feuerbach potencializa, consolidando-o na sua essência: razão, vontade e sensibilidade. O homem completo é detentor destas três dimensões.

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor.⁷

Tais características, inerentes à condição humana, são identificadas no plano terrestre, no próprio homem. Ele é rico de significados, de valores, mas se rende ao empobrecimento para elevar Deus. Portanto, tal atitude só evidencia o quanto a religião é o relacionamento do homem consigo mesmo, isto é, com sua essência:

A essência divina não é nada mais que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual [...] por isso, todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana.⁸

⁶ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 46.

⁷ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 36.

⁸ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, pp. 45-46.

Feuerbach toma para si o objetivo de valorizar o homem pelo homem, sem mediação: o homem é capaz de amar, mas vincula tal sentimento a Deus; ele é capaz da bondade e da razão, mas opta por ver em Deus a bondade e a sabedoria e, por fim, afirma a existência de Deus exatamente por saber da sua existência humana. Portanto, o que é chamado na religião de relacionamento do homem com Deus é, na verdade, o pensamento humano num relacionamento consigo mesmo; é o diálogo do eu com o tu contido no homem. Os animais possuem instinto, ao passo que o gênero humano possui a consciência ilimitada. O que seria na religião diálogo com Deus, na filosofia de Feuerbach é a exteriorização da consciência humana, “[...] o pronunciamento do Eu do homem; [...] a confissão de seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública de seus segredos de amor”⁹.

Com o objetivo de reaver o homem negado e ocultado, em princípio, pela religião cristã, Feuerbach explicita que a Trindade vista no Deus supremo é intrínseca ao homem que vincula a Deus a razão, o amor e a vontade. “Deus pai é o Eu, Deus filho o Tu. Eu é a razão. Tu é o amor; só razão com amor e amor com razão é espírito, é o homem total”.¹⁰ Total, assim Feuerbach define e promove o homem, resgatando-o da usurpação religiosa; devolve ao homem o que lhe é próprio. O homem não é somente pensamento nem apenas carne ou meramente consciência, mas um todo formado pela razão, pela vontade e pela sensibilidade.

Empobrecimento do homem perante a religião

No que diz respeito à sensibilidade, o autor assinala que o Espírito Santo, como a terceira pessoa da Trindade, é na realidade a parte afetiva do ser humano: a razão e o amor geram a sensibilidade ou a afetividade - “[...] é a criatura que suspira, é o anseio da criatura de Deus”¹¹. Trata-se da criatura humana pobre, privada, dependente de um Deus farto das coisas de que o homem tanto necessita, pois, após as duras penas sofridas aqui na terra, encontrará no extramundo, em Deus, uma recompensa, um descanso, um alento assegurado pela Sagrada Escritura: “E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos e irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e terá como herança a vida eterna”. (Mt 19,29). Ou, ainda: “[...] os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós”. (Rm 8,18). Esta promessa vem como consolo para o homem pobre em relação ao de vida abastada,

⁹ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 44.

¹⁰ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 92.

¹¹ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p.93.

mas a este há outro recado: “Vai, vende teus bens e dá o dinheiro aos pobres” (Mt 19,21); ou ainda: “[...] dai-lhes vós de comer”. (Lc 9,13). Verifica-se sempre que há um convite a uma vida íntegra de desapego e promoção do outro no aquém. Todavia, o imperativo “vai”, no entanto, remete aos cuidados com o outro aqui na realidade terrena, mas que terá um respaldo na vida futura, no extramundo.

O adiamento ou a prorrogação do bem-estar do homem para o além, da parte religiosa, provoca algumas relevantes indagações: por que não desfrutar destes bens no aquém? Por que adiar tal experiência? Por que não antecipá-la? Por que não se pode enriquecer no plano terrestre?

As ações messiânicas propuseram uma atualização, uma antecipação da vida plena no aquém. A libertação, a cura, a transformação da vida, o remanso na hora do desespero, a distribuição de bens, a partilha etc, todas estas ações Jesus não as adiou, pelo contrário, foram realizadas todas no hoje de seu tempo, mas sempre falando de um Reino futuro. O que há na religião cristã é o protótipo do homem bom que se compadece do outro. A partir de Cristo – o sofredor, os cristãos, são instigados a reproduzir o gesto heróico e messiânico em favor do outro, do semelhante. Isto mesmo, do semelhante, pois o homem é semelhante ao outro e não semelhante a Deus na perspectiva feuerbachiana. O que o cristianismo propõe é muito mais da terra do que do céu, é muito mais humano do que divino.

Enquanto o filósofo pagão, até mesmo com a notícia da morte do próprio filho, exclama: sabia que gerei um mortal; derrama o cristianismo [...] lágrimas pela morte de Lázaro [...]. Enquanto Sócrates, impassivelmente, esvazia a taça de veneno, exclama Cristo: “se for possível, que se passe este cálice”. Cristo é, neste sentido, a confissão da sensibilidade humana.¹²

Na legitimação religiosa das coisas que são do céu, fica expresso muito mais o que é de carne e osso, isto é, o que é humano, o que é sensível. As lágrimas de Cristo pelo amigo Lázaro manifestam muito mais um Deus humano e menos um Deus do extramundo, lugar destinado aos homens pelo cristianismo. Feuerbach procura com todo empenho fundamentar que o propósito do cristianismo, embora apontando para o céu, é muito mais uma experiência terrena, o que dá mais plausibilidade ao homem, sem negar a sua verdadeira constituição. A prorrogação do bem, contudo, se explica à medida que o homem religioso precisa de conteúdo divino para preencher suas carências e ele faz isso enriquecendo Deus, levando para o mundo suprassensível o necessário para sua completude, pois

¹²FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p.96.

O Deus Trino é um Deus rico de conteúdo, daí se tornar uma necessidade quando se abstrair do conteúdo da vida real. Quanto mais vazia for a vida, tanto mais rico, mais concreto será o Deus. O esvaziamento do mundo real e o enriquecimento da divindade é um único ato. Somente o homem pobre possui um Deus rico. Deus nasce de um sentimento de privação; aquilo de que o homem se sente privado [...] é para ele Deus.¹³

Na leitura do Salmo 8,5, no entanto, se verifica esta valorização dos predicados humanos (desta vez com origem no próprio homem) que se admira, se reverencia, adora a si mesmo e se interroga: “O que é o homem, para que dele te lembres [...] Tu o fizeste pouco menos que um deus, de glória e de honra o coroaste, [...]” – eis a essência humana explicitada. O homem que raciocina, ama a si próprio, torna-se livre desde o momento em que toma consciência de sua essência. É a pessoa que não pode se opor a ela mesma, sem negar a sua natureza humana, ao que ele é com seus valores absolutos sem “[...] aos quais não pode oferecer resistência”.¹⁴

Assim sendo, o pensamento de Feuerbach não é outro senão devolver ao homem seus valores. Ele não é o único a perceber da necessidade de valorização e enaltecimento do homem em relação à divindade. É notório que, na Sagrada Escritura, haja elementos desta exaltação do humano, mas que, por outro lado, parece esquecida para dar vazão ao aspecto unilateral do sofrimento. O salmista já reconhece a riqueza humana frente a riqueza de Deus.

Tal resgate consiste em preservar a essência humana (pensamento, vontade e sensibilidade). A reivindicação de Feuerbach é que este reconhecimento da natureza humana fosse totalmente desvinculado do teísmo, porém não se pode exigir tal posicionamento do homem religioso. Como aludimos há pouco, a experiência religiosa é de foro íntimo, singular. Compreende-se, porém, que o desejo de Feuerbach é plausível, à medida que o Pensador rompeu com os laços da experiência religiosa. Agora sua visão é de um filósofo descrente e não mais de um religioso.

No que diz respeito, à Filosofia perante a religião, no entanto, outro aspecto a considerar é exatamente a herança da tradição platônica. A religião cristã bebe da fonte das “Ideias”. Se para Platão a vida real começa após a morte com o total desprendimento da razão sobre o corpo, na doutrina cristã, a verdadeira vida se dá quando o homem, livre das paixões deste mundo, alcança a liberdade. Assim é justificado o desprendimento pelos bens materiais, uma vez que a riqueza desintegra o homem, o faz

¹³ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p.97.

¹⁴ FEUERBACH, *A Essência do Cristianismo*, p. 37.

injusto, corrupto, ardiloso, ambicioso, arrogante etc. Na concepção cristã, a posse tem que ser descentralizada, partilhada, o que remete à ideia de céu como superação do sofrimento, mas já aqui na terra; porém, a terra sendo extensão do extramundo.

Da negação do sensorial

Na tentativa de resgate do que verdadeiramente constitui o ser humano - razão, sensibilidade e vontade – natureza do homem, Feuerbach se dedica a fazer uma crítica à visão de corpo no Cristianismo. Antes, todavia, se faz necessário explicitar onde começa a doutrina de negação por meio do viés filosófico. É imprescindível ilustrar que, a partir da Filosofia platônica, nasce a concepção de negação do corpo herdada pela Religião cristã.

[...] eu cometeria um grande erro não me irritando contra a morte, se não possuísse a convicção de que depois dela vou encontrar-me primeiro, ao lado de outros Deuses, sábios e bons [...] junto a homens que já morreram e que valem mais do que os daqui. [...]. Mas, ao contrário, tenho a firme convicção de que depois da morte há qualquer coisa – qualquer coisa, de resto, que uma antiga tradição diz ser muito melhor para os bons do que para os maus (63c).¹⁵

A preocupação de Feuerbach relativamente à religião cristã prende-se à negação plena da natureza: a do homem e a do mundo que o sustenta. Se Platão negou, desprezou o corpo na busca pela preservação do pensamento puro sem os enganos dos sentidos, a Religião despreza o corpo por tê-lo como matéria menos significativa do que a alma. Deve-se lembrar que Feuerbach escreve de acordo com sua visão religiosa no contexto de 1841, ano da publicação da obra aqui explicitada (*A Essência do Cristianismo*). Sua intervenção é filosófica e não teológica, buscando averiguar, em sua opinião, as contradições teológicas que mais parecem uma antropologia. Com Platão, entretanto, reafirma-se o que a religião cristã adotou como base de sustentação de sua doutrina:

[...] quando se trata de adquirir verdadeiramente a sabedoria, é ou não o corpo um entrave se na investigação lhe pedimos auxílio? [...] acaso alguma verdade é transmitida aos homens por intermédio da vista ou do ouvido [...] e que não vemos nem ouvimos com clareza? [...] Quando é, pois, que a alma atinge a verdade? Temos dum lado que, quando ela, deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente [...] E, sem dúvida alguma ela raciocina melhor quando nenhum empeco lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da

¹⁵ PLATÃO. *Fédon*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 70.

vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer – mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte [...] (65b-c).¹⁶

Feuerbach entende a natureza “[...] como totalidade, como unidade orgânica, como harmonia de causas e efeitos, como pressuposto necessário para todos os objetos, fenômenos e criaturas, plantas e animais, inclusive para a natureza humana”.¹⁷ Um conceito plausível que se harmoniza tanto à posição científica quanto à religiosa hoje; contudo, a grande diferença é que, para Feuerbach, a natureza é autônoma, completamente desvinculada da divindade. A natureza é causa dela mesma, não interessa a esse autor buscar um pressuposto para fundamentar sua origem. Por outro lado, na concepção cristã religiosa, a natureza tem sua causa; ela provém de Deus.

O pensamento de Feuerbach é pertinente e, como aludimos, para o tempo do Filósofo, e se adequa, em partes, à contemporaneidade. No exercício do ato de filosofar, não se pode esquecer a tradição, a história, por isso é fundamental no primeiro momento corroborar o pensamento do autor. De fato, durante muito tempo, o cristianismo adotou atitude de desvalorização do material em relação ao espiritual. Este comportamento, porém, não é originariamente da religião cristã, mas vem de conceitos herdados de correntes filosóficas antigas, como o Pitagorismo.

Em algumas correntes ascéticas e religiosas, houve em determinados lugares posturas de negação do corpo, não exatamente da natureza na sua totalidade como afirma Feuerbach, mas no que se refere ao corpo - é o que propõe Platão nos escritos do Fédon como vimos. Platão jovem via o corpo como entrave para o pensamento puro, os sentidos, as sensações levariam o homem ao engano, à ilusão.

O platonismo herdou, possivelmente da influência pitagórica e do estoicismo¹⁸, elementos de desvalorização do material e valorização do imaterial. Para ser discípulo na academia, Pitágoras exigia ascese, disciplina. Por sua vez, o cristianismo bebeu da fonte platônica desde Agostinho.

¹⁶ PLATÃO, *Fédon*, p.72.

¹⁷ CHAGAS, Eduardo F. *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 38.

¹⁸ O estoicismo é principalmente uma doutrina moral, que faz consistir a felicidade e, portanto, o fim último do homem na prática da virtude e na recusa de qualquer concessão aos sentimentos e às paixões. Fundador: Zenão de Eleia. O estoicismo foi o movimento filosófico mais original do período helenístico e, ao mesmo tempo, é aquele que perdurou por mais tempo: fundado no fim do século IV a. C., continua a florescer até além do séc. III d. C. Outros expoentes desta escola: são Crispino, Epicteto, Sêneca e Marco Aurélio. Cf.: MONDIN, Batista. *Introdução à Filosofia*. Tradução de J. Renard. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 165.

Na juventude, Feuerbach concebeu Deus como o fundamento da natureza e do homem. E não poderia pensar diferente, até que houvesse a ruptura, pois, como exprimimos, foi educado em berço cristão. Para ele, homem e natureza tinham o mesmo nascedouro. Depois, numa visão panteísta, semelhante à de Espinosa, Feuerbach desenvolveu um pensamento sobre Deus ao escrever a obra anônima *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1828). Ali sua concepção já não era a de um Deus pessoal como no Cristianismo, porém, ao escrever *A Essência do Cristianismo* (1841), seu modo de pensar Deus, o homem e a natureza foi radicalizado. Se em uma obra Deus e natureza se vinculam, agora ocorre a separação entre ambos, a natureza ganhou autonomia, independe de Deus, de causa, mas é por si mesma. Feuerbach não se dá ao trabalho de investigar a causa da natureza, mas seu objetivo parte dela. Ele a concebe como existente por si mesma, a natureza é. Basta isso.

A ideia de que o homem, segundo o entendimento cristão, deve se livrar de sua natureza corporal se respalda na história, pois durante algum tempo o Cristianismo adotou para si a ascese platônica de negação do corpo, experiência possivelmente acentuada no contexto do autor. Há indícios fortes de que a concepção estoica, por exemplo, tenha influenciado Paulo de Tarso a escrever sobre a negação do corpo, em mérito da dimensão espiritual. Paulo concebe o corpo como templo sagrado que merece ser devidamente cuidado (1Cor 6,19) pois nele reside o Espírito Santo. Embora nos escritos de Paulo haja uma predisposição para lidar com as dimensões do homem - pensamento, corpo e espírito - esta última parte, a saber, tem a sua primazia em relação ao corpo.

Religião e natureza - contraposição

Ora, Feuerbach já em seu tempo acenava para uma contradição religiosa: como ser contra a natureza tida como efeito criado por Deus? Se a Religião cristã em sua literatura põe Deus como a causa de todas as coisas, torna-se contraditório negar a natureza da qual o homem necessita para sobreviver.

Assim como outrora Feuerbach pensou diferente do que aparece na *Essência do Cristianismo*, quando estudante de Teologia em Hildeberg, tais posturas dizem respeito à condição humana em evolução, em amadurecimento intelectual. O modo de pensar acompanha a história e os acontecimentos. Não existe pensamento deslocado da História, por isso, a Filosofia acompanha a História. O Cristianismo é objeto de suas mudanças, posturas, modos de enxergar a vida, inevitavelmente sem se desvincular da história.

De igual modo, o pensamento filosófico, em hipótese alguma, pode estacionar; pelo contrário, a produção do pensamento deve seguir a linearidade da História, sob pena de não oferecer uma resposta ou apontar caminhos de resolução a determinado problema.

Retomando, porém, o pensamento de Feuerbach quanto à crítica ao Cristianismo de seu tempo, o Filósofo assume a bandeira de defesa da natureza como organismo independente do teísmo-atômico. Para ele, “[...] não é, portanto, o espírito a origem e a razão de ser da matéria; pelo contrário, a natureza deve ser vista como fundamento do espírito, isto é, como fundamento que não tem nenhum fundamento fora de si mesmo”.¹⁹ Neste aspecto, contrapondo o pensamento de Hegel, Feuerbach defende o argumento de que, antes do objeto não existe algo, o espírito, pelo contrário, há o objeto, a natureza para que, a partir dela, o espírito, ou seja, a razão, possa elaborar conceitos. O que vem antes não é o espírito, mas a natureza. Diante dela o homem pode filosofar.

Sem dúvida alguma, o pensamento de Feuerbach parte da natureza; sem ela não há pensamento. Ela é a causa de todas as coisas, contudo, para o Cristianismo a natureza não tem “nenhum significado positivo”. Nos últimos tempos, todavia, documentos como: *A Mudança Política (Rerum Novarum)*, *O Evangelho da Vida - 1995 (Evangelium Vitae)* e *Louvado sejas – 2015 (Laudato Si)*, o primeiro tratando da questão operária e os direitos dos trabalhadores em 1891, publicado 19 anos após a morte de Feuerbach, o segundo a respeito do valor da vida humana, do nascimento ao decaimento natural e o terceiro sobre os cuidados com a vida do Planeta, dão conta de redescobrir aquilo que Feuerbach já acenava em seu tempo - o devido valor do homem e da natureza. Tais documentos e

[...] este postulado de Feuerbach em relação ao status da natureza oferece, na situação presente, pontos de referência para uma resistência contra toda exploração arbitrária e brutal da natureza a favor dos designios e desejos ilimitados do homem e, ao mesmo tempo, fornece, conseqüentemente, sugestões e contribuições para um debate frutífero sobre a crise ecológica atual.²⁰

Por via destes escritos, colocados à disposição de quem interessar, foi explicitado o reconhecimento substancial da natureza para com o homem. Hoje, em centenas de pronunciamentos, líderes religiosos se posicionam em defesa da natureza ameaçada pela ação humana, independentemente do teísmo ou ateísmo, pois se entende que a sobrevivência é uma questão

¹⁹ CHAGAS, *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*, p. 44.

²⁰ CHAGAS, *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*, pp. 63-64.

universal e está além do discurso religioso. Da natureza, todos, sem exceção, precisam para sobreviver.

O homem é um produto da natureza, uma obra dela; ele deve, por isso, tratá-la e estimá-la 'como sua mãe', como a fonte de seu ser. Já que ele deve sua fonte e manutenção apenas às forças e efeitos naturais, depende dele, por conseguinte, da natureza; quer dizer, ele não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe as determinações da natureza, água, ar, alimento etc.²¹

Logo, Feuerbach tece uma crítica positiva à Religião de seu tempo, um alerta em relação ao que estava sendo negado. O Filósofo colabora com uma mensagem que diz respeito aos cuidados com a natureza. Ele parte do particular para o universal. A natureza é de todos, sem exceção, a importância dela está além da Religião. Seu pensamento vai muito além da fé, defendendo pois um humanismo capaz de perceber que sem a natureza o indivíduo perece. Tudo o que o gênero humano produziu até hoje decorre da natureza generosa.

Assim sendo, o homem religioso não poderá mais se comportar como o homem primitivo, como dissera Rousseau, com apenas três necessidades básicas – alimentação, reprodução e descanso – mas o homem evoluído que conhece a natureza como provedora de bens. Embora a humanidade, porém, esteja imersa nas ações de degradação, há da parte de muitos religiosos, atualmente, um zelo pela preservação da natureza generosa. Se, por um lado, a natureza é em si mesma desvinculada de um criador, autônoma, mas responsável direta pela sustentabilidade humana, para o homem religioso, ela deverá ter seu valor, sua significância, é sustento e deve ser cuidada de igual modo. Neste aspecto, o pensamento cristão e o de Feuerbach se aproximam.

Considerações finais

Ao término destas considerações, fica de nossa parte a compreensão, a saber: Feuerbach defende a todo custo, por meio de sua filosofia antropológica, genética-fisiológica, o gênero humano com toda a sua carga cultural e histórica. Assume para si o indivíduo, o homem dotado de razão, vontade e sensibilidade, reivindicando da Religião cristã o devido valor. Em relação ao espiritual, o material em hipótese alguma pode ser esquecido, pois o homem veio do que é material, imanente – a natureza sem a qual nenhum ser vivo sobrevive, pois dela é oriundo.

²¹ CHAGAS, *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*, p. 44.

Feuerbach mostra-se defensor aguerrido desta causa. Para ele, a religião torna-se incoerente ao negar a condição carnal do homem e a importância da natureza, causa de existência de tudo, inclusive do homem. Sendo um racionalista-materialista, o Filósofo, outrora luterano, não poderá apresentar outra crítica senão esta que denuncia a indiferença da religião pelo corpo e pela natureza.

Portanto, Feuerbach faz uma crítica ao teísmo por ter desenvolvido um conteúdo antropológico, mas que esvazia o homem e o afasta da natureza. Tal atitude revela uma contradição, uma vez que a religião entende Deus como Criador de todo o existente. Se assim é, por que abandonar ou desdenhar a natureza? Faz sentido hostilizar o que Deus criou? Ou na percepção filosófica de Feuerbach: como negar a natureza da qual o homem precisa para sobreviver?

Estas inquietações formulam o pensamento de Feuerbach acerca da Religião cristã, numa tentativa de fomentar caminhos de reflexão de modo mais coerente, defendendo a natureza e a natureza do corpo humano no contexto alemão de 1841 e suas implicações para repensar a religião hoje.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. (Trad. Vinzenzo Cocco). São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

CHAGAS, Eduardo Ferreira; REDYSON, Deyve; De PAULO, Marcio Gimenes. *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo* (Trad. José da Silva Brandão). Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Para a crítica da Filosofia de Hegel* (Trad. Adriana Veríssimo Serrão). São Paulo: Editora Liber Ars, 2012.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 1997.

**Prof. Dra. Ir. Maria Celeste de Sousa*
Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica - SP.
Professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF

***Prof. Esp. João Robson Cabral*
Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC
jrcabralacarau@yahoo.com.br